

**MARCADORES DISCURSIVOS DERIVADOS
DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO VISUAL “OLHAR”
E “VER”: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA**

LAURIÊ FERREIRA MARTINS*
PATRICIA F. AMARAL DA CUNHA LACERDA**

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo o estudo dos marcadores discursivos (MDs) derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2009 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG (2006 [1968])). Para a análise das ocorrências, utilizamos dois *corpora* distintos representativos da modalidade oral da língua: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, da UFMG, e o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, da UFRJ. A análise quantitativa dos dados baseou-se no programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, a partir do qual se chegou a resultados estatísticos significativos acerca dos fatores mais relevantes ao favorecimento da variação entre os MDs analisados, bem como dos fatores que mais condicionam o uso de uma ou outra variante.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Marcadores discursivos; Verbos “olhar” e “ver”.

ABSTRACT: Based on theoretical and methodological assumptions of the Variationist Sociolinguists, this work intends to analyze the discourse markers (DMs) derived from verbs of visual perception “olhar” and “ver”, that, in its construcional configuration, present the imperative form (LABOV, 2009 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG (2006 [1968])). For the analysis of *data*, we used two different *corpora* that are representative of oral language: the *corpus* of the “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” and the *corpus* of the “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”. The quantitative data analysis was based on the computer program GoldVarb/VARBRUL 2001, from which were reached statistical significant results about the most relevant factors that favour the variation between the DMs that were analyzed and the factors that more influence the use of the variants.

Keywords: Linguistic variation; Discourse markers; Verbs “olhar” and “ver”.

* lauriefm@hotmail.com

** patriciaajt@ig.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo os marcadores discursivos¹ (doravante, também, MDs) derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa².

A partir da abordagem da Sociolinguística Variacionista, objetivamos investigar a variação linguística dos marcadores discursivos derivados dos verbos “olhar” e “ver” no domínio funcional da *chamada de atenção do ouvinte*, tomando como base os postulados de Labov (2009 [1972]) e de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e, ainda, retomando o estudo pontual de Rost-Snichelotto (2009) acerca do comportamento dos MDs *olha* e *vê*³ em amostras representativas das modalidades oral e escrita do dialeto catarinense.

Considerando, assim, a existência de trabalhos anteriores, que, sob uma perspectiva variacionista, avaliam fatores linguísticos e extralinguísticos que mais condicionariam o emprego dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver”, nossa intenção é expandir os estudos já existentes para diferentes *corpora* do português falado, assim como fornecer novas contribuições para o estudo dos marcadores discursivos.

Para tanto, adotamos, neste momento, uma abordagem sincrônica, a partir de amostras representativas que recobrem a modalidade oral do português brasileiro, contidas em dois *corpora* distintos: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”⁴ e o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”⁵. Realizamos, assim, uma análise quantitativa, cujos objetivos são dar tratamento estatístico aos dados submetidos ao programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001 e identificar e descrever os fatores que mais condicionam o emprego das variantes.

Os resultados apontam que: (i) o domínio funcional em que os MDs atuam como variantes é o da *chamada de atenção do ouvinte*; (ii) os contextos de “pausa posterior” são os mais favorecedores da ocorrência tanto dos MDs derivados do verbo “olhar” quanto dos derivados do verbo “ver”; (iii) os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos pela posição “abertura de tópico”, e os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos pela posição “encaminhamento de

¹ Vale ressaltar aqui que os marcadores discursivos, de acordo com Marcuschi (1989), são elementos linguísticos que possuem propriedades interacionais e propriedades textuais, uma vez que seu uso na interação verbal ocorre de maneira simultânea à aplicação de princípios pragmáticos e de regras estruturais.

² Os MDs derivados do verbo “olhar” encontrados em nosso corpus são *olha*, *olha aqui*, *olha aí*, *olha só*, *mas olha*, *pois olha*, *olha bem* e *e olhe lá*, e os MDs derivados do verbo “ver” são *vê*, *veja*, *veja bem*, *vê lá*, *vê só* e *deixa eu ver*. Ver tabela 2, seção 4.1.

³ No estudo de Rost-Snichelotto (2009), a forma *olha* é a escolhida para representar as seguintes realizações dos MDs derivados do verbo “olhar”: *olha* ~ *olhe* ~ [ˈɔya] ~ [ˈɔy] ~ [ˈɔ]. Já a forma *vê* é a escolhida para representar as seguintes realizações dos MDs derivados do verbo “ver”: *vejas* ~ *veja* ~ *vê* ~ *vês*. Ainda, *olha* e *vê* representam os MDs compostos, como é o caso de, por exemplo, *olha só* e *veja bem*.

⁴ Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

⁵ Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/peul/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

tópico”; (iv) os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos por contexto “sintaticamente independente”, enquanto os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos por contexto “sintaticamente dependente”; (v) a “forma simples” é o contexto preferencial para a ocorrência dos MDs derivados de “olhar”, enquanto os MDs derivados de “ver” realizam-se de maneira equilibrada tanto em contexto de “forma simples” quanto em contexto de “forma composta”; (vi) a presença dos pronomes “tu” e “você” constituem contextos categóricos para a ocorrência de MDs derivados do verbo “ver”, enquanto a presença de vocativo favorece, em maior medida, a ocorrência de MDs derivados do verbo “olhar”; (vii) há uma tendência à fixação dos MDs derivados de verbos perceptivos, com configuração imperativa, na segunda pessoa do discurso (doravante, também, P2) e no modo indicativo dos verbos; (viii) no Estado do Rio de Janeiro, há a ocorrência mais frequente dos MDs derivados de “olhar”, enquanto os MDs derivados de “ver” têm a mesma frequência de uso nos dois Estados analisados.

Primeiramente, discutiremos alguns pressupostos teóricos fundamentais da Sociolinguística Variacionista. Em um segundo momento, destacaremos questões importantes presentes no trabalho de Rost-Snichelotto (2009). Em seguida, apontaremos a metodologia na qual se fundamenta a pesquisa. Posteriormente, discutiremos os resultados da análise quantitativa dos dados. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

1. Sociolinguística Variacionista: a língua como um sistema heterogêneo

A Sociolinguística Variacionista consiste em uma abordagem teórico-metodológica, que surgiu na década de sessenta, a partir de estudos de Labov (1963, 1966) e de Weinreich, Labov e Herzog (1968), tendo como princípio a relação intrínseca entre língua e sociedade.

Tal abordagem toma como concepção a língua como um fenômeno social, a qual deve ser estudada e compreendida em seus variados contextos de uso. De acordo com Labov (2009 [1972]), para uma investigação linguística, é preciso que se considere a vida social da comunidade em que a língua ocorre, uma vez que pressões sociais estão operando continuamente sobre ela. Lucchesi (2004, p. 196) acrescenta, ainda, que a língua é produto do processo histórico e cultural, “que se constitui a partir da interação social entre os membros de uma determinada coletividade”.

Nesse sentido, o objeto de descrição e análise linguística não é, portanto, o idioleto, ou seja, o sistema linguístico situado no indivíduo, mas sim os padrões linguísticos variáveis, passíveis de observação dentro de uma comunidade de fala (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Chamamos aqui de comunidade de fala um grupo de indivíduos – estratificados em propriedades como idade, sexo, classe social, entre outros fatores –, os quais compartilham as mesmas regras linguísticas ou padrões estruturais disponíveis, embora se utilizem de diferentes formas para expressar uma mesma função.

O fato de a língua ser heterogênea e dinâmica não nos permite dizer que a variação linguística se dá de maneira livre. Ao contrário disso, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é preciso conceber a língua, a partir de um olhar que contemple heterogeneidade e sistematicidade de maneira conjunta. Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista tem como principal foco de estudo a variação sistemática da estrutura linguística, em sua utilização efetiva no contexto de uso (LABOV, 2009 [1972]). O objetivo desta abordagem teórico-metodológica é, portanto, demonstrar como a ocorrência de cada variante linguística está diretamente relacionada ao contexto em que ocorre, ou seja, é controlar sistematicamente e empiricamente os fatores externos e internos que mais condicionam o uso de uma variante em relação à outra.

2. Variação linguística dos MDs *olha* e *vê* a partir do trabalho de Rost-Snichelotto (2009)

Rost-Snichelotto (2009) propõe o estudo dos MDs *olha* e *vê* (e suas variantes), a partir da associação entre as abordagens da Sociolinguística Variacionista e da gramaticalização como processo de (inter)subjetivização. A autora investiga o comportamento e o funcionamento dos marcadores discursivos, através de uma abordagem pancrônica, em *corpora* do projeto VARSUL/SC e em textos de peças teatrais escritos entre os séculos XIX e XX por escritores catarinenses. Mais pontualmente no que diz respeito à perspectiva variacionista, cabe-nos ressaltar a importante contribuição fornecida pela autora no que tange ao tratamento sistemático, descritivo e interpretativo dispensado a uma variável dependente de natureza discursiva.

A fim de promover a formulação de uma regra variável, acerca do funcionamento dos MDs *olha* e *vê* (e suas variantes), Rost-Snichelotto (2009) procura identificar possíveis fatores condicionadores que possam influenciar a escolha entre as alternantes ou a aplicação da regra. Para tanto, os fatores controlados pela autora para o tratamento variacionista são: apresentação formal do MD, contexto de atuação discursiva, sequência discursiva, presença/ausência de pronomes ou vocativo junto ao MD, relação sintática com a estrutura oracional, posição no tópico, traço prosódico, região, sexo e idade.

Após a submissão dos dados ao tratamento estatístico por meio do programa GoldVarb/VARBRUL 2001, os principais resultados encontrados por Rost-Snichelotto (2009) foram: (i) o MD *vê* tende a coocorrer com pronomes e em contextos sintaticamente dependentes, enquanto que o MD *olha* tende a coocorrer sem pronomes e em contextos sintaticamente independentes; (ii) o MD *olha* é favorecido na abertura de tópico, enquanto o MD *vê* é favorecido no fechamento de tópico; (iii); tanto o MD *olha* quanto o MD *vê* ocorrem, na maioria das vezes, sem pausas. A autora verificou, ainda, que os MDs analisados tendem a ocorrer no modo indicativo dos verbos, tais como *olha* e *vê*.

3. METODOLOGIA

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, realizamos, a partir de uma abordagem sincrônica, um levantamento dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa, em amostras representativas da modalidade oral da língua em dois *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”⁶ e o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”⁷.

Adotamos como método, para a constituição de nosso *corpus*, a seleção aleatória⁸ das entrevistas, todas datadas do século XXI, tendo como critério básico o recorte de um mesmo número de palavras em cada um dos *corpora*. Abaixo, apresentamos um quadro que ilustra a constituição da amostra analisada:

<i>Corpus</i>	Descrição do <i>corpus</i>	Número de palavras
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Professora Jânia Ramos na UFMG	300.000 palavras
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	Projeto coordenado por professores e pesquisadores na UFRJ	300.000 palavras
Total		600.000 palavras

Quadro 1 – *Corpora* analisados

Como é possível observar no quadro 1, tanto o *corpus* do “Projeto Mineirês” quanto o *corpus* do projeto “PEUL” foram recortados com o número de 300.000 palavras cada um.

Para a realização da análise quantitativa, utilizamos o programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, o qual promove uma análise multivariada do fenômeno variável, através do controle de frequência das variáveis dependentes em associação às variáveis independentes. O objetivo da utilização do programa é especificar, por meio de testes estatísticos de significância, os fatores que mais regulariam o uso das variantes em competição, fornecendo, ainda, através do peso relativo, informações a respeito da operação mais relevante (*stepping-up*) e da operação menos relevante (*stepping-down*) (BALEY, 2004).

⁶ O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela professora Jânia Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto consiste na descrição de dialetos das cidades de Belo Horizonte, Arceburgo, Ouro Preto, Mariana, Piranga e São João da Ponte. As entrevistas que integram o *corpus* são datadas do início do século XXI.

⁷ O projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” é destinado ao estudo da variação e da mudança linguística nas modalidades oral e escrita do dialeto do Rio de Janeiro. Os pesquisadores que compõem o projeto são, em sua maioria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e se dedicam a analisar o uso efetivo da língua e a sua relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais.

⁸ De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 22), “uma das melhores maneiras de garantir a representatividade é usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar, a cada informante ou dado potencial existente na população total igual probabilidade de serem incluídos na amostra”.

Neste trabalho, assumimos como variável dependente os MDs derivados dos verbos de percepção “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa. Dessa forma, embora consideremos a existência de contextos específicos que fomentam a ocorrência dos MDs derivados do verbo “olhar” e de outros que fomentam a ocorrência dos MDs derivados do verbo “ver”, acreditamos que ambas as formas alternativas se encontram em variação dentro de um mesmo domínio funcional – o da *chamada de atenção do ouvinte* (ROST-SNICHELOTTO, 2009). Vale ressaltar que, no presente trabalho, trataremos dos marcadores discursivos simples e compostos, sendo estes de caráter sintagmático e aqueles realizados com um só lexema, ou seja, através apenas dos verbos “olhar” e “ver”.

“Olhar” e “ver” são chamados *verbos perceptivos*, pois têm como característica a expressão da percepção sensorial desempenhada pelos órgãos dos sentidos, sendo este seu sentido mais concreto. Contudo, ao longo do tempo, de acordo com Rost-Snicelotto (2009), tais verbos passaram a desempenhar sentidos relacionados, também, à percepção cognitiva, sendo esta nova função constituída por um sentido mais abstrato. Segundo a autora, é, portanto, a partir de seu sentido mais abstrato que as formas verbais são expandidas para a função de marcadores discursivos. Nos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver”, os quais se apresentam em uma configuração construcional imperativa, acreditamos que haja a expressão de um sentido [+ abstrato], entretanto, verificamos vestígios de sua acepção de origem, bem como do imperativo canônico, uma vez que esses elementos atuam na *chamada de atenção do ouvinte*.

Não trataremos, neste trabalho, de maneira específica e pontual, da mudança linguística envolvida no desenvolvimento dos marcadores discursivos em questão, todavia, ao longo do texto, realizaremos esclarecimentos acerca do processo de gramaticalização dos itens, já que identificamos, em nossa análise, características que evidenciam que os MDs derivados de “olhar” e “ver” se comportam como elementos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização⁹.

Na tabela abaixo, apresentamos a frequência de uso de cada uma das variantes nos *corpora* analisados:

⁹ Uma pesquisa acerca da gramaticalização de construções com MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” tem sido, por nós, desenvolvida em uma dissertação de mestrado. Entendemos, em nosso trabalho, a gramaticalização como o processo de mudança linguística de determinadas construções em certos contextos linguísticos, que articula aumento de esquematicidade, aumento de produtividade e decréscimo de composicionalidade, e que resulta, portanto, em um novo par forma-sentido (TRAUGOTT, 2011).

	MD derivado do verbo “olhar”		MD derivado do verbo “ver”		Total
	nº	%	nº	%	
Projeto Mineirês	104	72,72%	39	27,27%	143
Projeto PEUL	242	86,12%	39	13,87%	281
Total	346	81,6%	78	18,39%	424

Tabela 1 – Frequência geral das variantes nos *corpora* analisados

Como é possível observar na tabela 1, encontramos um total de 424 ocorrências dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” nos dois *corpora* analisados. No *corpus* do projeto “PEUL”, foram encontradas 242 ocorrências de MDs derivados do verbo “olhar”, mais do que o dobro das ocorrências destes mesmos marcadores discursivos encontradas no *corpus* “Projeto Mineirês” (104 ocorrências). Quanto aos MDs derivados do verbo “ver”, tivemos o mesmo número de ocorrências nos dois *corpora* (39 ocorrências). Percebemos, portanto, que a frequência de uso dos MDs derivados do verbo “olhar” (81,6%) é bem maior do que a frequência de uso dos MDs derivados do verbo “ver” (18,39%)¹⁰. Tal evidência, em consonância com algumas outras características que apontaremos em nossa análise quantitativa, nos sugere que os MDs derivados de “olhar” estariam em um processo mais avançado de gramaticalização.

Com o intuito de identificar possíveis fatores condicionadores que possam influenciar a escolha entre as formas alternantes ou a aplicação da regra variável, a partir do trabalho de Rost-Snichelotto (2009), elencamos as seguintes variáveis independentes para a análise dos MDs por nós encontrados:

Variáveis Independentes
Apresentação formal do MD a) Forma simples b) Forma composta
Presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD a) Presença do pronome “tu” junto ao MD ou em contexto próximo b) Presença do pronome “você” junto ao MD ou em contexto próximo c) Presença de vocativo junto ao MD ou em contexto próximo d) Ausência de pronome ou vocativo junto ao MD ou em contexto próximo
Relação sintática do MD com a estrutura oracional a) Dependência sintática b) Independência sintática

¹⁰ De acordo com Vitral (2006, p. 155), a comparação entre valores de frequência de uso é um “instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização”.

<p>Posição do MD no tópico discursivo</p> <p>a) Abertura de tópico b) Encaminhamento de tópico c) Fechamento de tópico</p>
<p>Traço prosódico do MD</p> <p>a) MD com pausa anterior b) MD com pausa posterior c) MD entre pausas d) MD sem pausa</p>
<p>Localidade do falante</p> <p>a) Minas Gerais b) Rio de Janeiro</p>

Quadro 2 – Variáveis independentes analisadas

Como observado no quadro 2, analisaremos cinco variáveis independentes de natureza linguística e uma variável de natureza extralinguística. O baixo número de variáveis externas deve-se a limitações dos *corpora* analisados, o que não invalida nossa pesquisa variacionista, haja vista que as variáveis internas estão intimamente relacionadas aos fatores externos (SILVA, 2004).

A primeira variável independente que analisaremos é a *apresentação formal do MD*, que consiste na realização do MD através da “forma simples” – constituída por apenas um lexema, ou seja, pelo verbo de percepção “olhar” ou “ver” – ou da “forma composta” – constituída por um sintagma que compreende, em sua configuração, o verbo “olhar” ou o verbo “ver”.

A segunda variável independente é a *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*. Embora, em língua portuguesa, o imperativo, formado a partir do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, apresente apenas marca de desinência número-pessoal e modo-temporal, há dados em que o sujeito expresso pelo verbo de percepção ocorre perante o marcador discursivo. Dessa forma, para o grupo *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*, controlaremos os fatores “presença de pronome ‘tu’ junto ao MD”, “presença de pronome ‘você’ junto ao MD”, “presença de vocativo junto ao MD” e “ausência de pronome ou vocativo junto ao MD”.

A terceira variável independente a ser analisada é a *relação sintática do MD com a estrutura oracional*, que consiste na realização dependente ou independente do marcador discursivo. Trataremos aqui como dependência e independência sintáticas a possibilidade de descartar os MDs da estrutura oracional, sem que isso cause prejuízos à construção sintagmática¹¹.

A quarta variável independente consiste na *posição do MD no tópico discursivo*. Identificaremos, em nossa análise, três tipos de posições para a ocorrência dos marcadores discursivos: “abertura de tópico”, “encaminhamento de tópico” e

¹¹ É importante frisar que, assim como ponderado por Marcuschi (1989), todos os MDs são discursivamente dependentes, haja vista que indexam a estrutura oracional e a interação entre os participantes do discurso.

“fechamento de tópico”. Tal variável diz respeito à articulação tópica da conversa, sendo necessária a observação de amplos segmentos do discurso dos participantes.

A quinta variável independente que analisaremos é o *traço prosódico do MD*. A marcação prosódica do marcador discursivo pode realizar-se de formas diferentes, a saber: “com pausa anterior”, “com pausa posterior”, “entre pausas” e “sem pausa”.

O último fator que será controlado por nós é representado pela variável independente *localidade do falante*. A partir dos *corpora* utilizados, “Projeto Mineirês” e “PEUL”, é possível controlarmos a frequência de uso das variantes nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Na próxima seção, trataremos da análise quantitativa dos dados, a fim de verificar a frequência de uso das variantes associadas aos fatores que as condicionam, bem como os resultados referentes ao peso relativo atribuído a cada uma das variáveis independentes – destacando os fatores mais relevantes e os menos relevantes para a ocorrência da variação dos MDs derivados do verbo “olhar” e os do verbo “ver”.

4. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

Nas subseções que se seguem, forneceremos uma visão geral a respeito da frequência de uso de cada variante linguística, em função de cada variável independente. Para tanto, nos utilizaremos de exemplos e tabelas, a fim de descrever e explicar a influência de cada fator na aplicação da regra variável. Por fim, apresentaremos os resultados referentes ao peso relativo, com o intuito de verificar quais são os fatores mais e menos relevantes para a ocorrência da variação entre MDs derivados do verbo “olhar” e MDs derivados do verbo “ver”.

4.1. Apresentação formal do MD

A variável independente *apresentação formal* consiste na realização do MD através de “forma simples” ou “forma composta”. Observemos, na tabela abaixo, a distribuição das diferentes formas dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” por *corpus* analisado:

	Formas simples			Formas compostas										
	olha	vê	veja	olha aqui	olha aí	olha só	mas olha	pois olha	olha bem	e olhe lá	veja bem	vê lá	vê só	deixa eu ver
<i>Projeto Mineirês</i>	100	10	1	2	-	1	1	-	-	-	1	1	-	26
<i>Projeto PEUL</i>	216	27	-	1	1	19	1	1	1	2	1	-	1	10
Total	316	37	1	3	1	20	2	1	1	2	2	1	1	36

Tabela 2 – Distribuição das formas dos MDs por *corpora* analisados

Como é possível verificar a tabela 2, há uma tendência à fixação dos MDs derivados de verbos perceptivos, com configuração imperativa, em P2 e no modo indicativo dos verbos, tanto na apresentação formal simples quanto na apresentação formal composta. Para os MDs derivados do verbo “olhar”, identificamos a forma simples *olha* e as formas compostas *olha aqui*, *olha aí*, *olha só*, *mas olha*, *pois olha*, *olha bem* e *e olhe lá*; para os MDs derivados do verbo “ver”, encontramos as formas simples *vê* e *veja* e as formas compostas *veja bem*, *vê lá*, *vê só* e *deixa eu ver*.

Conforme postulado por Rost-Snichelotto (2009), o item, ao assumir funções discursivas, tende a não estar sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal. É nesse contexto, ainda baseado em uma análise preliminar, que destacamos que a cristalização das construções com os MDs derivados de “olhar” e “ver” em P2, no modo indicativo dos verbos e na forma imperativa, sinaliza uma possível macroconstrução a que subjazem todos os padrões construcionais que compõem as microconstruções individuais, bem como o estabelecimento de redes construcionais¹². Assim, evidenciamos, na atuação dos marcadores discursivos, aumento de esquematicidade e de produtividade – os elementos articulam acréscimo de abstratização formal e semântica e expansão de padrões existentes para novas construções – e decréscimo de composicionalidade – não há distinção de número, tempo, modo e pessoa –, características apontadas por Traugott (2011) para o processo de gramaticalização. Observemos alguns exemplos de realização dos marcadores discursivos que correspondem a este grupo de fatores:

(1) **F: Olha**, eu moro aqui em Jacarepaguá praticamente desde, quer dizer, desde que eu nasci que meu pai comprou essa área aqui, mas eu morava no Grajaú (...) (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R11)

¹² Traugott (2011) destaca que a emergência de novas construções, assim como de redes construcionais, estaria relacionada a quatros níveis de esquematicidade: *construto*, *microconstrução*, *mesoconstrução* e *macroconstrução*. Desse modo, a gramaticalização de construções é entendida como a reinterpretação de formas e funções em determinados contextos de uso que resulta na emergência de padrões construcionais ou *construtos*. Assim, se tal *construto* é reiterado na comunidade de fala, este se torna uma *microconstrução* gramaticalizada. As *microconstruções* de comportamento semelhante seriam organizadas em torno de uma *mesoconstrução*. Por fim, teríamos uma *macroconstrução* ou esquema altamente abstrato a que subjazem todos as construções individuais identificadas.

(2) **F:** “num tem sapo nenhum AQUI não filho cê tá sonhando **olha aqui** tá de noite pro cê nós gritá olha que uma hora dessa vai aparecê sapo dento do nosso hotel cê tá DOIdo filho? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Piranga, entrevista 01)

(3) O efeito é: “**olha aí**, faz mesmo, tu tem que fazer, tu tem que mentir, tu tem que roubar, tu tem que fazer tudo contando que cê tenha dinheiro no bolso”. Infelizmente é isso por aí a novela. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R11)

(4) **E:** Hum:hum. Mas você tem algum tipo de afinidade com seus irmãos? Algum... algo que vocês gostam de fazer juntos? (ruídos)

F: (ruídos ao fundo) Ah... **olha só** eu... eu pego onda junto com meu irmão. (inint) (est) E esse foi amigo. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T09)

(5) **E:** Qual foi um filme assim que marcou a vida da senhora?

F: Olha, marcá a vida... num foi tanto assim, né? (riso e) **Mas olha**, o Vento Levo:u (est) –... eu vi muito mas agora se ocê me perguntar o nome deles todos (riso f) eu não sei dizê tudo (est) – mas o Vento Levou foi um filme LINDO! (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R12)

(6) “Ah, essa bomba aqui não precisa nem conferir doutor, isso aqui, há dez anos que eu venho aqui, duas, três vezes por mês passo aqui e está sempre certo” (ruído), **pois olha** eles não perdoaram (inint) passaram arame na bomba, lacraram a bomba toda, passei uma maior vergonha sem roubar ninguém, fui ladrão sem roubar ninguém (falando rindo). (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R15)

(7) Aí veio a garota, mas ela, por exemplo, trabalhano, eu descia com ela, gastava cinco cruzero, **olha bem!** Subia mais cinco, mais dez. (“Ainda tinha que sobrá”) dinheiro pa fazê lanche. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T16)

(8) **F:** (Retoma o turno). Primário, chamava-se primário. Hoje é primeiro grau, segundo grau, (hes) vestibular, faculdade, essas coisa toda. Na época tinha que fazê nada disso. Só fiz o primário **e: olhe lá**. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R13)

(9) Num sei como é que vocês conseguem conciliar, porque conciliá uma casa, um horário de trabalho... ainda mais no nosso caso que é um horário muito rígido, muito... cê **vê**, eu saio de casa seis <hor...>, na melhor das hipóteses, seis e meia, prá chegá seis horas, são doze horas fora, né? (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R05)

(10) **E:** O povo de Arceburgo tinha que ter mais interesse. Né?

F: Mas num tem, é difícil. Você **veja**: Arceburgo tem um jornal cê pega o jornal, não menosprezando quem escreve o jornal, mas cê vê um quantidade imensa de palavras escritas erradas e a gente vê que num é erro de diagramação, é erro de concordância mesmo. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 14)

(11) [Acho que aqui fora é melhor pra se trabalhá] do que funcionário público, funcionário público tem que mandá. **Veja bem** meu caso, na área de educação, chega um professorzinho lá, pensa que é dono da Universidade, acha que estar do reitor ou de qualquer coisa, então só por isso a gente tem que obedecê, ele acha que ele manda, tem podê, quer menosprezá, existe isso lá dentro, é normal até. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R09)

(12) **F:** Ah tem! Naquela época era mais rígida. Né? A gente se num estudasse num passava de ano. Eu bombei o segundo ano, bombei o primero técnico, eu bombei. Porque hoje... **vê lá**... hoje passa. Né? Hoje num tem repetência. Né? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 10)

(13) **F:** Ai... mas **vê só**: eu fiquei desesperada! (“né? era”) pequenininha, todo mundo desesperada no carro, era um bando de... de (hes) ado... é:... não era nem adolescente ainda, eu devia ter uns dez anos... e... minha irmã uns doze, nossa amiga também uns doze... (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T14)

(14) **E:** Tinha mais alguma expressão que você lembra?

F: **Dexa eu vê**... ah ... era essas que ela usava. Né? E eu tenho assim muita saudade, eu era muito pequena, oito anos, de tê explorado mais ela, das coisa lá da Itália. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 07)

Em (1), (9) e (10), temos os MDs *olha*, *vê* e *veja*, respectivamente, realizando-se na forma simples, ou seja, por apenas um lexema. Já em (2), (3), (4), (5), (6), (7), (8), (11), (12), (13) e (14), temos a ocorrência dos MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” realizando-se na forma composta.

Nossa análise demonstra, como podemos observar na tabela 3 a seguir, que a variável independente *apresentação formal do MD* não se firma como um dos fatores mais relevantes para a variação linguística dos elementos analisados.

	<i>MD derivado do verbo “olhar”</i>		<i>MD derivado do verbo “ver”</i>		Total de ocorrências
	nº	%	nº	%	
Forma composta					
Forma composta	316	89,51%	37	10,48%	353
Total	30	42,25%	41	57,74%	424

Tabela 3 – Variável independente: *Apresentação formal do MD*

Para a variante *MD derivado do verbo “olhar”*, temos 316 ocorrências para a forma simples e 30 ocorrências para a forma composta; quanto à variante *MD derivado do verbo “ver”*, temos 37 ocorrências para a forma simples e 41 para a forma composta. Se observarmos o total de ocorrências das duas variantes em relação a sua apresentação formal, veremos que 353 ocorrências se realizam em forma simples, ao passo que apenas 71 ocorrências se realizam na forma composta. Dessa maneira, tal variável independente não é tão relevante à ocorrência da regra

variável. Uma possível justificativa para tais resultados seria o desenvolvimento dos marcadores discursivos rumo à fixação formal simples.

4.2. Presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD

Como já mencionado anteriormente, embora na língua portuguesa o imperativo se realize apenas com marca de desinência número-pessoal e modo-temporal, encontramos dados em que o sujeito expresso pelo verbo de percepção ocorre perante o marcador discursivo. Podemos observar tal fato nos exemplos abaixo:

(15) **Você vê**, por exemplo, a Maria fala assim: “ah, uma pessoa da sua idade fala com você, você sim senhor, sim senhor.” (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista R09)

(16) Já não agarrei no gol (riso e), quem agarro foi outro cara lá, o golero mermo, coisa que o golero... quando chegô lá eu agarrei no gol porque o golero quando chegô em quadra deu dor de barriga, **tu vê**, sabe por quê? Acostumado tomá leite aqui na Barra, foi tomá leite lá de manhã, aquele leite grosso, hum. (*Corpus* do projeto “PEUL”, entrevista T16)

(17) **Olha NP**, devia ter as barraca dos doce também mas eu num lembro, sabe Rosa? É ... é ... NP. Agora eu lembro que... é que tinha um senhor chamado NP., e ele vinha com um tabuleiro todo dia vendê doce na cidade, mesmo sem ter festa...) (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 12)

Em (15), (16) e (17), podemos verificar a ocorrência dos marcadores discursivos perante o sujeito expresso pelo verbo. Em (15), o MD *vê* coocorre com o pronome pessoal “você”; em (16), o MD *vê* coocorre com o pronome pessoal “tu”; e, por fim, em (17), o MD *olha* coocorre com o vocativo “NP” – que indica o nome de uma pessoa, a qual não pode ser identificada na entrevista sociolinguística.

A variável independente *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD* não se constitui como o contexto mais relevante para a aplicação da regra variável nos dados analisados. A variante *MD derivado do verbo “ver”* aparece com total frequência de uso em contextos de pronome “tu” e pronome “você”, ou seja, nestes contextos, ocorre apenas o uso de uma variante. Observemos a tabela abaixo:

	<i>MD derivado do verbo “olhar”</i>		<i>MD derivado do verbo “ver”</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Presença de pronome “tu”	-	0%		100%	2
Presença de pronome “você”	-	0%	34	100%	34
pronome ou vocativo	16	94,11%	1	5,88%	17
Ausência de pronome ou vocativo	330	88,94%	41	11,05%	371
Total	346		78		424

Tabela 4 – Variável independente: *Presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*

Em uma primeira rodada dos dados no programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, obtivemos acusação de *knoukOut* para os fatores “presença de pronome ‘tu’ junto ao MD” e “presença de pronome ‘você’ junto ao MD”, os quais não condicionam a variação dos marcadores discursivos. Para o fator “presença de pronome ‘você’ junto ao MD”, obtivemos 34 ocorrências (100%) para os MDs derivados do verbo “ver”, contra nenhuma ocorrência (0%) para os MDs derivados do verbo “olhar”. Quanto ao fator “presença do pronome ‘tu’ junto ao MD”, encontramos 2 ocorrências (100%) para os MDs derivados de “ver” e nenhuma ocorrência (0%) para os MDs derivados do verbo “olhar”.

Embora possamos verificar que a presença dos pronomes “tu” e “você” se estabelecem em contextos categóricos para a ocorrência de MDs derivados do verbo “ver”, além da alta frequência de uso de MDs derivados do verbo “olhar” em presença de vocativo (94,11%) em comparação aos MDs derivados de “ver” (5,88%), a tendência, portanto, é a ausência de pronome ou vocativo junto a ambos os marcadores discursivos. Nesse contexto, evidenciamos a redução que envolve, principalmente, os MDs derivados de “olhar”, característica também identificada por Traugott (2011) para o processo de gramaticalização. Os MDs derivados de “olhar” encontram-se reduzidos em sua sintaxe, uma vez que não selecionam argumentos, estando, portanto, mais avançados em seu processo de mudança.

4.3. Relação sintática do MD com a estrutura oracional

Como já supracitado, dependência e independência sintáticas são analisadas em nossa pesquisa acerca da possibilidade de descarte dos marcadores discursivos da estrutura oracional, sem que isso cause prejuízos à construção sintagmática. Observemos alguns exemplos de realizações dos MDs em relação a este grupo de fatores:

(18) Ah, quando eu machuquei, ah foi no sítio de uma colega minha/ na fazenda lá, meu pé eu não conseguia move[r] dentro da piscina, então tive que sai[r] (perde[r]) um tempão, aí depois eu num pude volta[r] mais lá na piscina, e **olha** que eu num tinha feito nada, só nadando. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Mariana, entrevista 64)

(19) **E**: Que características esse/ de caráter um político deveria te[r]?

F: **Olha** eu acho/ porque o presidente, ele num precisa manda[r] no Brasil, ele sô vai lá pro exterior/prá mostra[r] a cara dele /que ele [es]tá (sen[d] o presidente) do Brasil, só para isso, o resto ele num faz nada, só manda e desmanda leis (...) (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Mariana, entrevista 64)

(20) **É**. Eu acho que melhorô... eu acho que melhorô. Né? Cê **vê**, a política do Brasil numa época aí, na época da ditadura. Né? Então... depois eleições diretas. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 06)

(21) **F**: (...) a outra porque ele traiu... e ela não teve – meu marido já me traiu tantas vezes... eu com quatro filhos dentro de casa... e sem muito dinheiro... eu não podia pensa – ele ajudou a criá os meus filhos (est), ele ajudou. O que seria – **vê**, ele levava- eu não dirigia, ele dirigia – ele levava o filho pro colégio, ele apanhava o filho no colégio, levava pra festinha (...) (*Corpus* do projeto PEUL”, entrevista R12)

Em (18) e (20), os MDs *olha* e *vê*, respectivamente, realizam-se em contextos “sintaticamente dependentes”. Em (18), o MD *olha* realiza-se de maneira dependente aos conectores “e” e “que”; em (20), o MD *vê* realiza-se de forma dependente ao pronomes pessoal “cê” (você). Já em (19) e (21), os MDs *olha* e *vê*, respectivamente, ocorrem em contextos “sintaticamente independentes”, podendo, assim, ser descartados da oração, sem causar prejuízos à estrutura.

A variável independente *relação sintática do MD com a estrutura oracional* mostrou-se um grupo bastante relevante para a realização da regra variável, como podemos ver na tabela abaixo:

	MD derivado do verbo “olhar”		MD derivado do verbo “ver”		Total de ocorrências
	nº	%	nº	%	nº
Dependência sintática	34	31,48%	74	68,51%	108
Independência sintática	312	98,73%	4	1,26%	316
Total	346		78		424

Tabela 5 – Variável independente: *Relação sintática do MD com a estrutura oracional*

Como é possível observar na tabela 5, os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos pelo contexto “sintaticamente independente” (312 ocorrências – 98,73%). Quanto aos MDs derivados do verbo “ver”, estes são favorecidos por contexto “sintaticamente dependente” (74 ocorrências – 68,51%). Tal resultado corrobora o resultado anterior para a variável independente *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*. Nesse sentido, nossa hipótese é de que os MDs derivados do verbo “olhar” estão assumindo traços mais nítidos da categoria de marcadores discursivos do que os MDs derivados do verbo “ver”, já que evidenciamos, em sua atuação, além de redução sintática, aumento de liberdade sintática – característica também identificada por Traugott (2011) no âmbito da abordagem construcional da gramaticalização, quando associada a aumento de esquematicidade e de generalidade¹³.

4.4. Posição do MD no tópico discursivo

A variável independente *posição do MD no tópico discursivo* consta de três tipos de posições para a ocorrência dos marcadores discursivos: “abertura de tópico”, “encaminhamento de tópico” e “fechamento de tópico”. Observemos alguns exemplos para este grupo de fatores:

(22) **E:** E você (hes) sabe como é que faz, não? (ruídos)

F: Olha só... eu acho que... é assim: é... é um peito... é um “bife” empanado de carne (latidos de cachorro) com molho de tomate e queijo e mussarela por cima derretido. (*Corpus* do projeto PEUL”, entrevista T09)

(23) Mas eu... num sei... eu acho que o namoro, os relacionamentos das pessoas, vai mudano é lógico... em 1950,60 de lá pra cá, cê vê hoje, pessoas jovens de quinze, dezesseis anos, vai na casa da namorada, dorme lá. Na minha época num existia isso ainda, na época do meu pai muito menos, se via ali meia hora, num sabia nem se era aquilo mesmo que queria... mas mudo muito. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 06)

(24) Primário, chamava-se primário. Hoje é primeiro grau, segundo grau, (hes) vestibular, faculdade, essas coisa toda. Na época tinha que fazê nada disso. Só fiz o primário e: olhe lá. (*Corpus* do projeto PEUL”, entrevista R13)

Em (22), o MD *olha só* realiza-se na posição inicial do tópico discursivo; em (23), o MD *vê* tem como função o encaminhamento do tópico discursivo; e, por fim, em (24), o MD *e olhe lá* aparece na posição de fechamento de tópico.

¹³ Traugott (2011) entende a generalidade como a expansão semântico-pragmática para novos usos em contextos específicos.

Em nossa análise, a variável independente *posição do MD no tópico discursivo* também se mostrou um grupo de fatores bastante relevante à formulação da regra variável. Vejamos os resultados gerais para este grupo de fatores na tabela abaixo:

	MD derivado do verbo “olhar”		MD derivado do verbo “ver”		Total de ocorrências
	nº	%	nº	%	nº
Abertura de tópico	242	89,62%	28	10,37%	270
Encaminhamento de tópico	84	64,12%	47	35,87%	131
Fechamento de tópico	20	86,95%	3	13,04%	23
Total	346		78		424

Tabela 6 – Variável independente: *Posição do MD no tópico discursivo*

Os resultados estatísticos apontam que os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos pela posição “abertura de tópico” (242 ocorrências – 89,62%); já os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos pela posição “encaminhamento de tópico” (47 ocorrências – 35,87%). Nossa hipótese é de que tais resultados estejam relacionados aos contextos específicos de uso da cada uma das variantes. Por exemplo, os MDs derivados do verbo “olhar” tendem a ocorrer em situações de tomada de turno e em contextos de expressão de opinião. Já os MDs derivados do verbo “ver” tendem a ocorrer em contextos de reforço de opinião. Nesse sentido, constatamos que marcadores discursivos podem ser inseridos em qualquer ponto do enunciado (início, meio e fim), a depender da função que exercem no discurso, e que tais elementos atuam tanto na organização interacional quanto na organização textual discursiva.

4.5. Traço prosódico do MD

O *traço prosódico do MD* diz respeito à marcação prosódica, a qual pode se realizar “com pausa anterior”, “com pausa posterior”, “entre pausas” e “sem pausa”. Vejamos alguns exemplos dos marcadores discursivos quanto à manifestação de pausas:

(25) Eu acho que faz um mês que a gente num ta falano mais. **Olha só** que estranho: minha irmã, minha irmã, a NP, que brigô cum NP tá falano cum NP e eu tô falano cum NP, entendeu? (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Mariana, entrevista 65)

(26) **Olha**, eu não me arrependo de nada do que eu fiz. E, não vou dizer a você que se eu pudesse voltar atrás com a consciência que eu tenho hoje, claro que eu modificaria algumas coisas. (*Corpus* do projeto PEUL”, entrevista R11)

(27) Oh... isso daí... é um negócio que eu sou totalmente contra. Porquê? Primeiro, **veja bem**: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só

pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente. (*Corpus* do “Projeto Mineirês”, cidade de Arceburgo, entrevista 09)

(28) **E:** Aí como se faz carré pra ficá bem assim...

F: **Olha** não frita muito, tempero ele como bife normal, carré normal e bota no forno pra assá. (*Corpus* do projeto PEUL”, entrevista R09)

Em (25), temos o MD *olha só* ocorrendo com pausa anterior; em (26), o MD *olha* ocorre com pausa posterior; em (27), o MD *veja bem* se realiza entre pausas; e em (28), o MD *olha* ocorre sem pausa. A variável *traço prosódico do MD* constitui o grupo de fatores mais relevante observado em nossa análise. Observemos a tabela abaixo:

	MD derivado do verbo “olhar”		MD derivado do verbo “ver”		Total de ocorrência
	nº	%	nº	%	nº
Com pausa anterior	50	94,33%	3	5,66%	53
Com pausa posterior	162	77,88%	46	22,11%	208
Entre pausas	73	94,8%	4	5,19%	77
Sem pausa	61	70,93%	25	29,06%	86
Total	346		78		424

Tabela 7 – Variável independente: *Traço prosódico do MD*

Os MDs derivados do verbo “olhar” aparecem com mais frequência em contextos de pausa do que os MDs derivados do verbo “ver”. Essa é outra evidência de que os MDs derivados de “olhar” estão mais avançados no processo de gramaticalização, uma vez que os marcadores discursivos, em geral, tendem a ocorrer em contextos com algum tipo de demarcação prosódica. Ainda, tanto os MDs derivados do verbo “olhar” quanto os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos pela marcação de pausa posterior, com 162 ocorrências (77,88%) e 46 ocorrências (22,11%), respectivamente.

4.1.6. Localidade do falante

Com a utilização dos *corpora* dos projetos “Mineirês” e “PEUL”, controlamos a variável independente *localidade do falante*, também chamada de variação diatópica, para os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Observemos a tabela abaixo:

	MD derivado do verbo “olhar”		MD derivado do verbo “ver”		Total de ocorrência
	nº	%	nº	%	nº
Minas Gerais (Projeto Mineiro)	104	72,72%	39	27,27%	143
Rio de Janeiro (Projeto PEUL)	242	86,12%	39	13,87%	281
Total	346		78		424

Tabela 8 – Variável independente: *Localidade do falante*

A variável independente *localidade do falante* se mostrou um grupo menos relevante à aplicação da regra variável. No Rio de Janeiro (281 ocorrências), obtivemos quase o dobro do número de ocorrências dos marcadores discursivos encontradas em Minas Gerais (143 ocorrências). Em Minas Gerais, foram encontradas 104 ocorrências (72,72%) de MDs derivados do verbo “olhar”, contra 242 ocorrências (86,12%) destes mesmos marcadores discursivos no Rio de Janeiro. No que tange aos MDs derivados do verbo “ver”, foram encontradas 39 ocorrências (27,27%) em ambos os Estados.

4.1.7. Cálculo do peso relativo

O peso relativo consiste em um cálculo a respeito da relevância dos grupos de fatores mais e menos relevantes para a realização da regra variável. O programa estatístico GoldVarb/VARBRUL 2001 nos fornece números de zero a um para indicar o peso relativo de cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos. Valores que variam entre 0 e 0.5 apontam que determinado fator favorece menos a variação linguística, enquanto valores que variam entre 0.5 e 1.0 apontam que determinado fator favorece mais a aplicação da regra.

Observemos, na tabela abaixo, os valores atribuídos pelo programa computacional para os fatores considerados relevantes para a variação entre MDs derivados do verbo “olhar” e MDs derivados do verbo “ver”:

Variável Independente	Fatores	Peso Relativo
Traço prosódico	Pausa anterior	0.925
	Pausa posterior	0.330
	Entre pausas	0.485
	Sem pausa	0.549
Posição no tópico	Abertura de tópico	0.520
	Encaminhamento de tópico	0.373
	Fechamento de tópico	0.885
Relação sintática com a estrutura oracional	Dependência sintática	0.015
	Independência sintática	0.806

Tabela 9 – Pesos relativos atribuídos pelo programa GoldVarb/VARBRUL 2001

Como podemos verificar, as variáveis que mais favoreceram a realização das variantes linguísticas foram, em ordem de relevância: (i) o traço prosódico do MD; (ii) a posição do MD no tópico discursivo; e (iii) a relação sintática do MD com estrutura oracional.

No que tange ao *traço prosódico do MD*, o fator que mais indica a variação foi o contexto de “pausa anterior”, que obteve como peso relativo o valor de 0.925. Quanto à *posição do MD no tópico discursivo*, a posição de “fechamento de tópico” foi o fator que obteve maior peso relativo (0.885). Por fim, no que diz respeito à *relação sintática do MD com a estrutura oracional*, o fator “independência sintática” obteve o peso relativo de 0.806.

Os demais fatores que compõem as variáveis independentes acima foram considerados estatisticamente menos significativos para o fenômeno da variação, visto que os valores referentes ao peso relativo se encontraram iguais a 0.5 ou em torno de 0.5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo averiguar o comportamento dos MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa.

A partir dos dados coletados nos *corpora* sincrônicos do “Projeto Mineirês” e do projeto “PEUL”, realizamos uma análise quantitativa dos marcadores discursivos em questão. Para tanto, utilizamos o programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, através do qual obtivemos resultados estatísticos acerca dos fatores que mais condicionam, ou não, a regra variável. Verificamos que as variáveis independentes *traço prosódico do MD*, *posição do MD no tópico discursivo* e *relação sintática do MD com a estrutura oracional* foram os grupos mais relevantes para a variação dos marcadores discursivos, se comparados às demais variáveis.

Quanto ao *traço prosódico do MD*, identificamos os contextos de pausa posterior como os mais favorecedores da ocorrência tanto dos MDs derivados do verbo “olhar” quanto dos derivados do verbo “ver”.

No que tange à *posição do MD no tópico discursivo*, os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos pela posição “abertura de tópico”, enquanto os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos pela posição “encaminhamento de tópico”.

Acerca da *relação sintática do MD com a estrutura oracional*, os MDs derivados do verbo “olhar” são favorecidos pelo contexto “sintaticamente independente”, enquanto os MDs derivados do verbo “ver” são favorecidos por contexto “sintaticamente dependente”.

Ainda, foi possível verificar que a “forma simples” é o contexto preferencial para a ocorrência dos MDs derivados de “olhar”, enquanto os MDs derivados de “ver” realizam-se de maneira equilibrada tanto em contexto de “forma simples” quanto em contexto de “forma composta”.

No que diz respeito à ocorrência dos marcadores discursivos em contexto pronominal, verificamos que MDs derivados de “olhar” e “ver” tendem a ocorrer, de um modo geral, sem pronomes ou vocativos. Entretanto, a presença dos pronomes “tu” e “você” constituem-se como contextos categóricos para a ocorrência de MDs derivados do verbo “ver”, ao passo que a presença de vocativo favorece, em maior medida, a ocorrência de MDs derivados do verbo “olhar”, em comparação aos do verbo “ver”. Também podemos concluir, com nossa análise, que há uma tendência à fixação dos marcadores discursivos derivados de verbos perceptivos, com configuração imperativa, em P2 e na forma indicativa dos verbos.

E, por fim, para a variável independente *localidade do falante*, verificamos que, no Estado do Rio de Janeiro, há a ocorrência mais frequente dos MDs derivados de “olhar”, enquanto os MDs derivados de “ver” têm a mesma frequência de uso nos dois Estados analisados.

Portanto, com este trabalho, acreditamos ter contribuído, de algum modo, com as pesquisas direcionadas para variáveis discursivas, ainda tão pouco abordadas pela Sociolinguística Variacionista. No entanto, reconhecemos a necessidade de ampliação da nossa pesquisa no que concerne ao *corpus* de análise, aos fatores condicionadores da regra variável e à análise qualitativa dos dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYLEY, R. The Quantitative Paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 117-141.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. The Social Motivation of a Sound Change. *Word*, v.19, 1963, p. 273-309.
- _____. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2009 [1972].
- _____. Quantitative reasoning in linguistics. *Linguistics*, v. 563, jan. 2008, p. 1-25.
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.
- ROST-SNICHELOTTO, C. A. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- SILVA, G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 117-133.
- TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011b.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (trad. Marcos Bagno). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].